PANORAMA DA EDUCAÇÃO

Destaques do *Education at a Glance* 2015

INEP

A Diretoria de Estatísticas Educacionais (DEED), do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), apresenta os destaques da publicação anual *Education at a Glance 2015* da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) com dados do Brasil e de mais 40 países.

A referida publicação tem como objetivo oferecer uma visão geral dos sistemas educacionais desses países e possibilitar a comparação internacional.

Seguindo o mesmo formato da publicação da OCDE, o Inep reúne, neste trabalho, alguns destaques do Brasil, divididos em quatro capítulos: O capítulo A trata de escolarização; o capítulo B traz informações sobre investimento; o capítulo C apresenta dados sobre participação e o capítulo D discorre sobre o ambiente escolar.

Os dados educacionais são referentes ao ano de 2013 (para alguns países da OCDE, 2014) e os dados financeiros são relativos a 2012.

A publicação *Education at a Glance* 2015, assim como os quadros e as tabelas podem ser obtidos no seguinte endereço da internet: www.oecd.org/edu/eag.htm

Diretor de Estatísticas Educacionais
Carlos Eduardo Moreno Sampaio

Equipe Técnica
Daniel Capistrano
Juliana Marques da Silva
Margarete Souza
Camila Neves Souto

CAPÍTULO A

Os resultados educacionais e o impacto da aprendizagem

Escolarização de nível médio

O nível de escolarização da população vem aumentando em todos os países da OCDE e e países parceiros da organização. Uma forma de se observar isso, é por meio da comparação entre diferentes faixas etárias do percentual da população que concluiu no mínimo o ensino médio.

China, Indonésia, México, Turquia, Costa Rica e Brasil apresentam, nessa ordem, os maiores percentuais de jovens e adultos de 25 a 34 anos que não concluíram o ensino médio. Entre os países analisados, Coréia do Sul, Rússia, República Tcheca e Polônia são os que apresentam a menor proporção de jovens que não possuem o diploma do ensino médio.

Esse percentual diminuiu significativamente no Brasil nas últimas três décadas. Se compararmos com os indivíduos de 55 a 64 anos, a proporção caiu de 72% nessa faixa etária para 39% entre aqueles de 25 a 34 anos. Esse é um dos maiores avanços registrados entre os países com dados disponíveis.

Dados sub-nacionais

Pela primeira vez, o *Education at a Glance* disponibiliza os dados de alguns de seus indicadores de forma desagregada no nível sub-nacional. Dessa maneira, é possível observar a variação interna dos países e comparar entidades sub-nacionais, como os Estados no caso brasileiro, a outros países.

No Brasil, há uma variação interna significativa com relação ao número de diplomados do ensino médio. O percentual da população alagoana de 25 a 34 anos que conclui no mínimo o ensino médio (39%) é próximo ao percentual da Indonésia (40%) para essa faixa etária. Por outro lado, no Distrito Federal, 75% da população de 25 a 34 tem no mínimo o diploma da nível médio, proporção próxima a de países como Islândia e Itália.

Escolarização de nível superior

Esse aumento observado na conclusão do ensino médio não foi acompanhado de um aumento proporcional no percentual de jovens e adultos com diploma de ensino superior. Entre 55 e 64 anos, existem 11% de diplomados, enquanto na faixa mais jovem de 25 a 34 anos, 15% concluíram algum curso de nível superior. Coréia do Sul, Polônia e Irlanda apresentam os maiores avanços no percentual de diplomados.

A diferença entre os estados brasileiros com relação a esse indicador também merece destaque. Cerca de 10% da população de 25 a 34 anos na Bahia, Ceará e Sergipe concluíram algum curso de educação superior, proporção similar a da Indonésia. No Distrito Federal, esse percentual é de 31%, próximo a de países como Hungria e Portugal.

Educação profissional de nível médio

Entre os países analisados, Brasil e o Canadá são os que têm o menor percentual de concluintes do ensino médio que cursaram educação profissional, com menos de 5% em relação ao total de concluintes do ensino médio. Na média dos países da OCDE, 46% dos jovens concluintes do ensino médio tem formação profissional.

Em geral, a maioria dos estudantes que concluem a educação profissional de nível médio nas áreas de ciências e engenharia é formada por homens. No entanto, a Colômbia (39%) e o Brasil (38%) apresentam o maior percentual de mulheres entre os concluintes dessas áreas.

Desemprego e escolarização

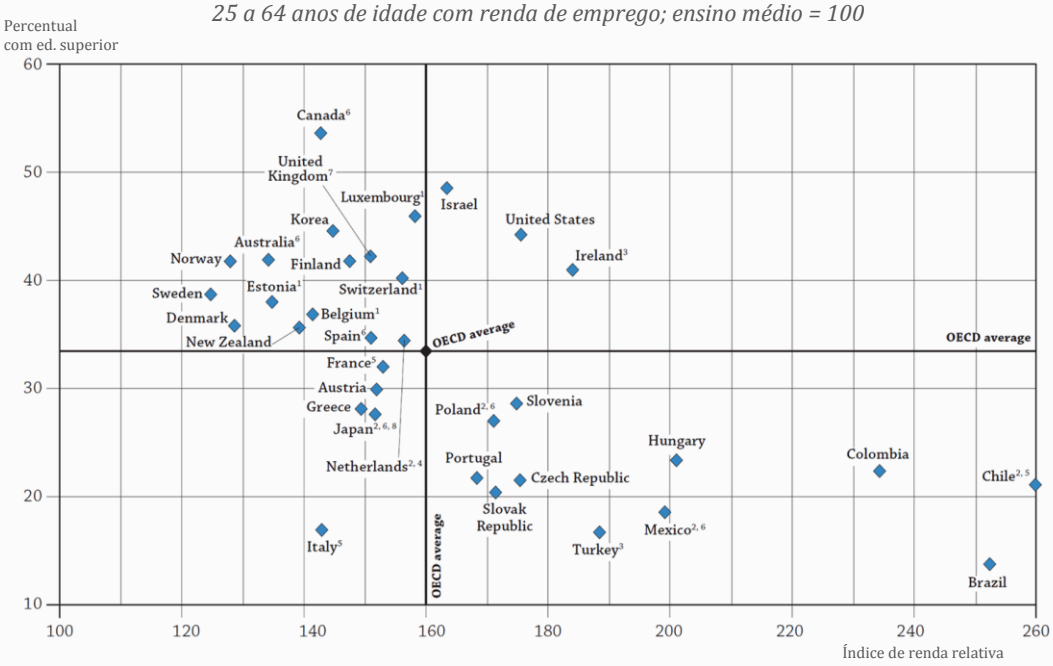
Na maior parte dos países analisados, observa-se uma forte associação entre o nível educacional e o desemprego. Quanto maior a escolarização menor a chance de estar desempregado. No entanto, na Coréia do Sul, México, Brasil e Chile, a diferença na taxa de desemprego é muito pequena em relação ao nível de escolarização, principalmente devido ao nível de desemprego ser relativamente baixo de maneira geral nesses países. Assim como na maior parte dos países, no Brasil a taxa de desemprego é maior entre as mulheres mesmo considerando os mesmos níveis de escolarização.

Vantagens de renda e escolarização

O Brasil e o Chile são os países que apresentam a maior diferença de renda média entre a população com educação de nível superior em relação aos que possuem nível médio. No Brasil, quem possui um diploma de nível superior tem em média renda 152% maior que aqueles com somente um diploma de ensino médio. Como apresenta o gráfico A6.4, essa diferença salarial está associada ao percentual da população que possui diploma de nível superior.

Gráfico A6.4. Renda relativa de trabalhados com educação superior e seu percentual na população (2013)

25 a 64 anos de idade com renda de emprego; ensino médio = 100



Fonte: Education at a Glance 2015, página 121

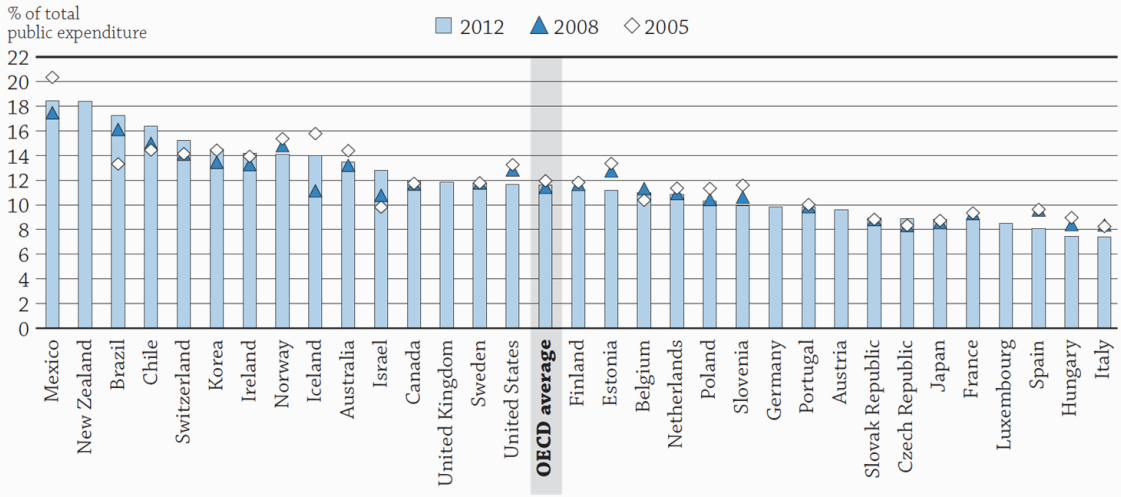
CAPÍTULO B

Recursos humanos e financeiros investidos em educação

Investimento público em educação

A proporção do investimento público dedicado à educação manteve-se praticamente estável entre 2005 e 2012 em quase dois terços dos países analisados. No entanto, Brasil e Israel destacam-se como os países onde houve o maior crescimento da proporção do investimento público voltado para a educação. No Brasil, em 2012, 17,2% do investimento público total foi destinado para a Educação, em 2005 esse percentual foi de 13,3%. Entre os países analisados em 2012, apenas México e Nova Zelândia dedicaram maior proporção do que o Brasil.

Gráfico B4.1 Gasto público na educação básica e superior como percentual do gasto público total (2005,2008,2012)



Fonte: Education at a Glance 2015, página 252

Investimento por aluno

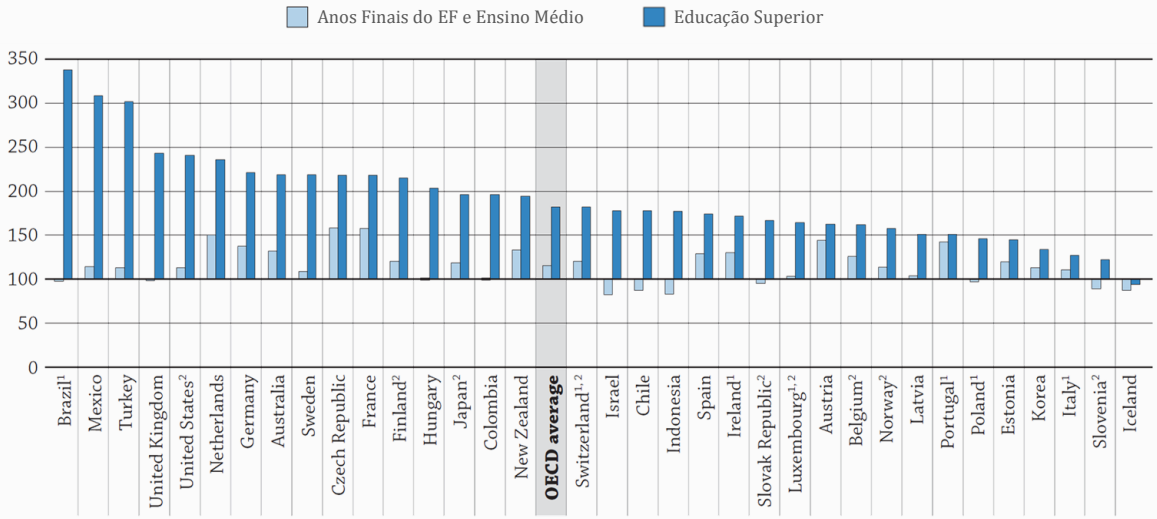
No ano de 2000, o Brasil investiu 2,4% do PIB na educação básica, enquanto a média dos países da OCDE foi de 3,5% do PIB. Em 2012, o investimento em educação básica no Brasil foi da ordem de 4,7% do PIB enquanto a média OCDE é de 3,7%. Em relação a 2005, o investimento por aluno da educação básica no Brasil cresceu 210%, enquanto na média da OCDE esse crescimento foi de 121%.

Considerando apenas o investimento público em educação, o Brasil investe anualmente cerca de 3.000 dólares[1] por aluno da educação básica. Esse valor, que se refere a 2012, é 110% maior do que o investimento médio por aluno registrado em 2005. Em média, os países da OCDE investem cerca de 8.200 dólares por aluno dos anos iniciais, 9.600 por aluno dos anos finais e 9.800 por aluno do ensino médio.

Em média, o investimento dos países da OCDE por aluno da educação superior é 1,8 vezes maior que o do aluno dos anos iniciais do ensino fundamental. No Brasil, esse investimento médio chegou a ser 11 vezes maior em 2000, e hoje é 3,4 vezes maior.

Gráfico B1.3. Gasto por aluno de instituições educacionais no ensino médio e educação superior em relação ao ensino fundamental (2012)

Anos iniciais do ensino fundamental = 100



Fonte: Education at a Glance 2015, página 212

[1] Equivalentes em dólares dos Estados Unidos convertidos usando poder de paridade de compra (PPP USD)

CAPÍTULO C

Acesso a educação, participação e progressão

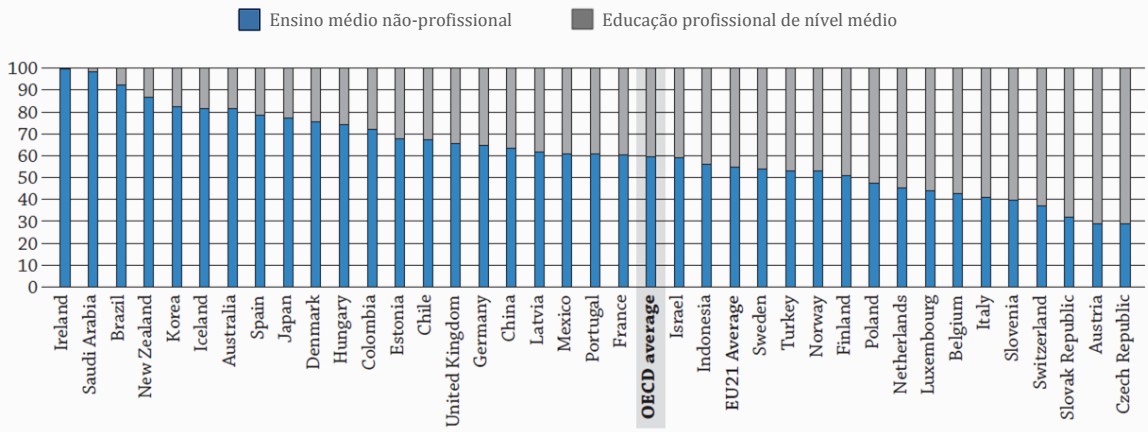
Quem está na escola?

Com a alteração da LDB realizada em 2013, o Brasil está entre os países cuja educação obrigatória se inicia aos quatro anos de idade, assim como o México e Luxemburgo. Entre os países analisados, a idade inicial varia desde 4 anos até 7 anos de idade na Finlândia, Indonésia, Rússia, África do Sul e Suécia.

Em 2013, cinco em cada seis países analisados apresentaram uma taxa de matrícula entre os jovens de 15 a 19 anos superior a 70%, apenas Brasil (69%), Colômbia (57%), México (54%) e Turquia (69%) apresentaram taxas menores.

Em média nos países da OCDE, 40% dos jovens de 15 a 19 anos estão em programas de educação profissional.Irlanda, Arábia Saudita e Brasil apresentam o menor percentual de jovens no ensino médio em programas de educação profissional.

Gráfico C1.2 Distribuição de alunos de 15 a 19 anos matriculados no nível médio pela orientação do programa : geral ou vocacional (2013)



Fonte: Education at a Glance 2015, página 311

Mobilidade estudantil

90% dos brasileiros matriculados em cursos de educação superior em outros países estudam em países da OCDE. Os Estados Unidos (32%), seguido por Portugal (15%) e França (12%) são os países onde o maior percentual de brasileiros está matriculado.

NEM-NEM

Entre os países analisados, o Brasil (76%) apresenta o maior percentual de jovens de 20 a 24 anos de idade que não estão estudando. No entanto, nessa mesma faixa etária, 52% dos jovem estão empregados, sendo essa também a maior proporção observada entre os países. Entre 15 a 29 anos, mais de 20% dos brasileiros nem estudam nem trabalham, a média OCDE é de 16%.

Nesse indicador também se observa uma variação considerável entre os diferentes estadis brasileiros. No Amapá (29%) e Alagoas (30%) o percentual de jovens de 15 a 19 anos que não trabalha nem estuda é próximo ao da Grécia (28%), ao passo em que Santa Catarina (12%) e Rio Grande do Sul (14%) apresentam percentuais similares aos de países como Austrália (13%) e Reino Unido (14%).

CAPÍTULO D

O ambiente de aprendizado e organização escolar

Número de alunos por professor

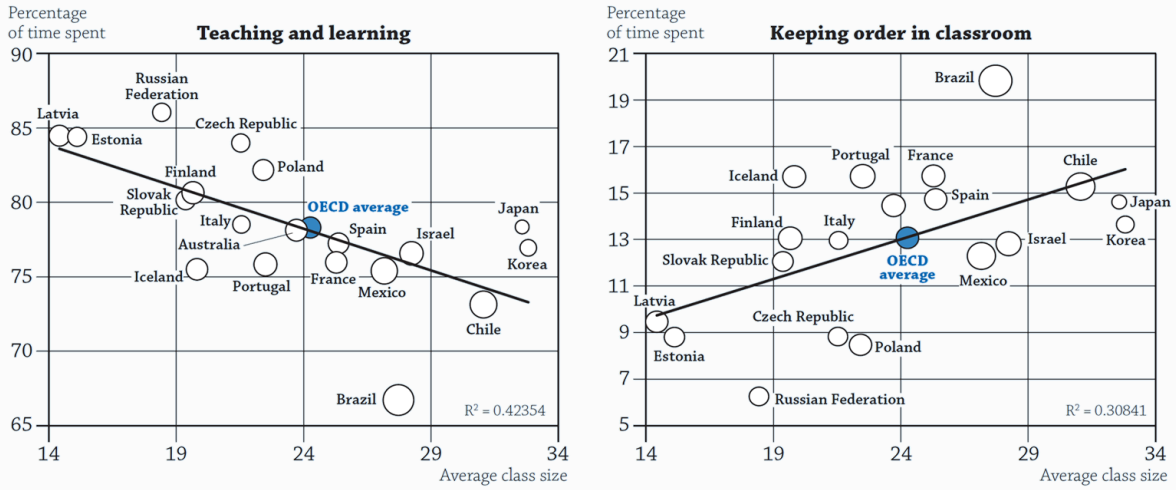
Em média, nos países da OCDE, existem cerca de 15 alunos por professor nos anos iniciais do ensino fundamental. No Brasil, esse número é maior, com média de 21 alunos por professor, mais ainda menor que a de outros países latino-americanos como Chile (23), Colômbia (25) e México (28).

Brasil, Chile e México também apresentam uma das maiores diferenças observadas entre escolas privadas e públicas no que concerne a média de alunos por professor. No caso brasileiro, a média dos anos iniciais do ensino fundamental em escolas públicas é de 25 alunos por professor, enquando nas escolas privadas essa média é de 18 alunos por professor.

Tamanho médio das turmas

O tamanho médio das turmas também segue padrão semelhante. A média OCDE é de cerca de 21 alunos por turma, esse número no Brasil é de 25 alunos por turma. É possível que o tamanho médio das turmas esteja associado ao tempo que o professor consegue dedicar ao ensino e aprendizagem dentro de sala de aula. Quando comparados aos dados da Pesquisa Internacional sobre Ensino e Aprendizagem (TALIS-*Teaching and Learning International Survey*), nota-se uma associação no nível dos países com relação ao tamanho da turma e o percentual do tempo que o professor dedica ao ensino e aprendizagem em sala de aula, e ao tempo dedicado a manutenção de ordem em sala de aula.

Gráfico D2.a Relação entre o tamanho médio da turma e o tempo destinado a ensino e aprendizagem e o tempo destinado a manutenção da ordem em sala de aula nos anos finais do ensino fundamental (2013)



Nota: O tamanho de cada círculo representa a proporção de professores que afirma ter mais de 10% de alunos com problemas de comportamento em sua turma (OCDE, 2014)
Fonte: Education at a Glance 2015, página 419

Idade dos professores

O grupo de docentes da educação básica no Brasil se destaca como um dos mais jovens em média entre os países pesquisados. Apenas 15% dos professores brasileiros dos anos iniciais possui mais de 50 anos. Esse percentual chega a ser maior que 40% na Alemanha, Grécia e Itália.

No ensino médio, a média de idade dos professores é maior em todos os países. Observa-se um baixo percentual de professores com menos de 40 anos em quase todos os países da OCDE. Na Itália, menos de 5% dos professores tem menos de 40 anos de idade. Somente em dois países, no Brasil (52%) e na China (66%), mais da metade dos professores tem menos de 40 anos de idade.

Salário dos professores

Se tomado como referência o piso salarial profissional nacional[2] de 2013, o mínimo que um docente brasileiro dos anos iniciais receberia seria o equivalente a cerca de 12.000 dólares[3] por ano. Em média, nos países da OCDE, o salário inicial de um docente do mesmo nível é de cerca de 29.800 dólares, países como Dinamarca, Alemanha e Suíça

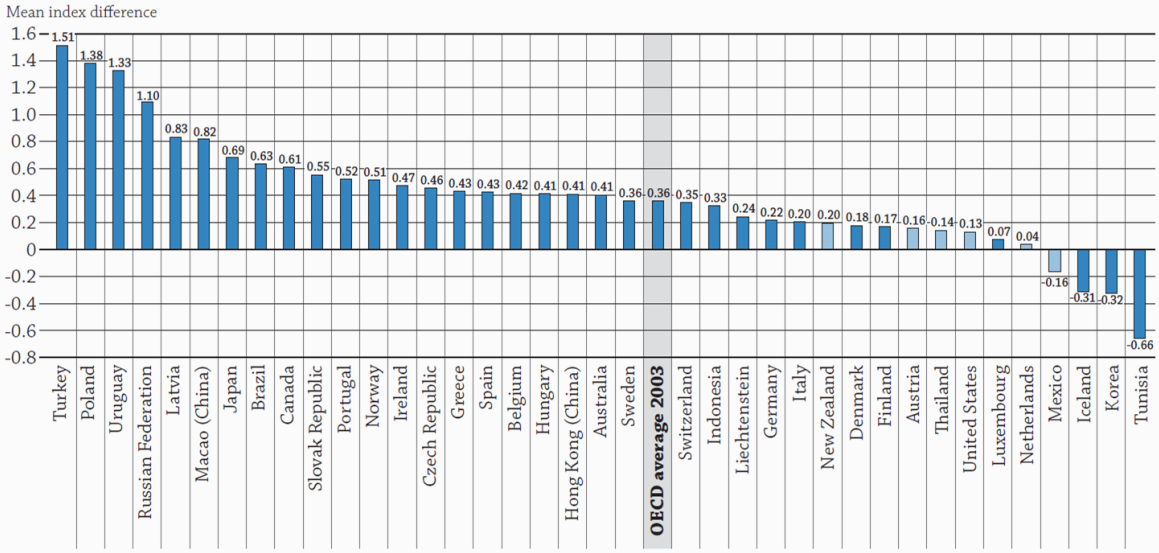
[2] LEI Nº 11.738, DE 16 DE JULHO DE 2008.
[3] Equivalentes em dólares dos Estados Unidos convertidos usando poder de paridade de compra (PPP USD).

possuem salários iniciais superiores a 45.000 dólares por ano. No entanto, o salário médio dos professores em quase todos os países analisador é menor que o salário médio dos outros trabalhadores com educação superior. Em média, nos países da OCDE, os professores da educação básica em instituições públicas, recebem 77% o valor médio dos salários de profissionais com escolaridade equivalente. Essa proporção no caso brasileiro, de acordo com os dados da PNAD 2013, é de 0,72. Somente os professores na Dinamarca e Luxemburgo recebem salários similares à média dos outros profissionais.

Recursos escolares

O Brasil está entre os países que apresentaram maiores avanços com relação ao índice do PISA de qualidade dos recursos educacionais das escolas. Esse índice é formado a partir da percepção dos diretores de escolas participantes do PISA com relação aos fatores que podem estar dificultando o ensino em sua escola.

Gráfico D8.2 Mudança do índice de qualidade dos recursos escolares (por ex. livros, computadores para o ensino, *softwares*) entre 2003 e 2012

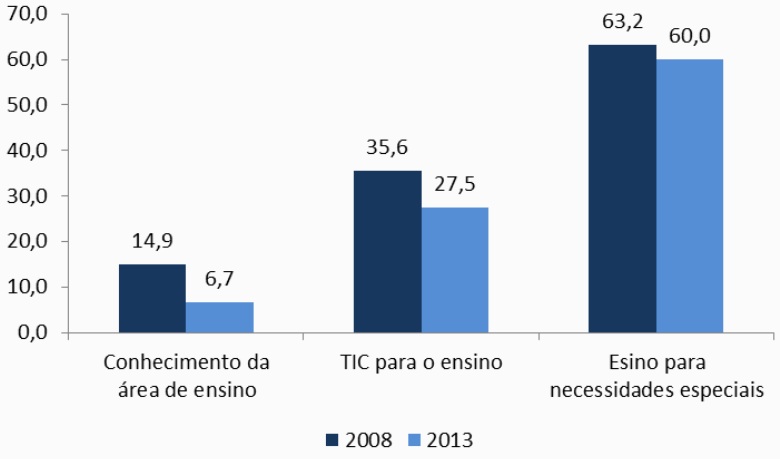


Fonte: Education at a Glance 2015, página 516

Por outro lado, a publicação destaca que uma proporção significativa dos professores brasileiros do ensino fundamental afirmam ter alta necessidade de desenvolvimento profissional ná área de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) para o ensino. De acordo com os dados da Pesquisa Internacional sobre Ensino e Aprendizagem (TALIS 2013), 27% dos professores no Brasil afirmam ter alta necessidade de formação

nessa área, enquanto na média dos países participantes da pesquisa essa parcela é de 19%. Se comparados aos dados da primeira onda dessa pesquisa, em 2008, a parcela de professores com alta necessidade de formação diminuiu em diversas áreas. Na área específica de TIC para o ensino a diminuição foi de 8 pontos percentuais.

Percentual de professores que afirmam ter alta necessidade de desenvolvimento profissional, por áreas (2008-2013)



Fonte: OCDE/TALIS